

Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte II: os 4 tipos SJ

Alexandre Medeiros¹

Enio Starosky²

Resumo: Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/personagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta segunda parte, os 4 tipos SJ.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SJ.

Abstract: The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part II is on the four SJ types.

Keywords: David Keirsey. types. temperament. temperament SJ.

Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos³

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP⁴ (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ⁵, mas há quem a considere típica INFJ⁶.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyiano a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estanques”. Esta parte II é dedicada aos 4 tipos SJ; os 4 SP foram apresentados na parte I, nesta mesma edição.

¹. Doutor em Ciências da Religião – UESP/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

². Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

³. Esta introdução é comum às 2 partes do estudo. Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

⁴. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

⁵. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

⁶. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

I – Os 4 Tipos SJ: ISTJ, ESTP, ESFP e ISTP

1. O tipo ISTJ em oposição aos (E/I)STP: o *maitre* Fernão, Geraldo Alckmin, O Velho do Restelo x Vasco da Gama.

(extraído de: Jean Lauand e Enio Starosky: “Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II” – Revista Internacional d’Humanitats 45, 2019: <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirsey.pdf>)

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a

ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”⁷

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apegava à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos Lusíadas um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckingham. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

⁷. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte:

“Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,

A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atia
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

1a. Ainda o ISTJ x ISFP: Dom João Mehlmann, Bento XVI, São Francisco x São Bento

(extraído de: Jean Lauand, Enio Starosky e Sylvio Horta: “Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses” – International Studies on law and Education 28, 2018: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>)

O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me [autor JL] levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é

considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “– Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para

a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- ?!?””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, econômicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso

caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiães das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

O oposto ao ISTJ: Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante rever brevemente as preferências F / T; para isso tomo a liberdade de copiar um par de parágrafos do referido artigo anterior.

F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margaret Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, o papa Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e no recente Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y

confiança. Em alguns casos, esse mesmo laço aparece entre os ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua compaixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tonico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública,

afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

2. O ISFJ (e uma possível disfunção) : o Urso (da Masha), Me. Teresa de Calcutá

(extraído de: Chie Hirose e Enio Starosky: “Keirsey, tradicionalismo religioso e educação – o fator T” – Notandum 48, 2018: <http://www.hottopos.com/notand48/143-150ChieEnioDK.pdf>)

(...) Essa aguda colocação de Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

[...]

Uma possível distorção, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário lembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescadinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a

atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: "Eles também têm fome". Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

3. ESFJ: a personagem Marie Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a SJ Marie Barone” – Notandum 23, 2010: <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>)

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que o casal Raymond (R) e Debra (D) moram na casa em frente da dos pais de Raymond, Marie (M) e Frank (F) (e o irmão Robert, embora já com seus trinta e tantos

anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

Nunca é demais insistir no fato de que os temperamentos em si não são objeto de avaliação moral; um temperamento não é melhor nem pior do que outro: é a pessoa que é santa ou pecadora; generosa ou mesquinha; solidária ou egoísta etc. em qualquer um dos 4 temperamentos ou dos 16 tipos. O temperamento é uma base para as escolhas morais pessoais. Embora, naturalmente, essa base pode, em cada caso, configurar certos defeitos ou modos do defeito “adequados” a cada tipo. Assim, por exemplo, se a impulsividade, própria dos SP é, dentro de certos limites, uma qualidade positiva; a impulsividade exagerada – que contemplamos no artigo dedicado a Frank Barone – é defeito, passível de ser explorado no roteiro.

Assim também os defeitos de Marie, acentuados para efeitos de comédia, não ofuscam o seu temperamento, pelo contrário assentam-se no modo ESFJ; embora, essas mesmas qualidades, em dose normal, sejam positivas. Normais ou exageradas as características do ESFJ se realizam muito bem em Marie. Como as qualidades desse tipo apresentadas em Keirsey (1984, pp. 192-194): sendo os mais sociáveis de todos os tipos, os ESFJ são os principais fomentadores, *nurturers* das instituições (igrejas, escolas etc.), a começar pelo lar, evidentemente. Sempre atentos às necessidades dos demais, procuram que todos estejam bem e integrados, e Keirsey os intitula (1988, p. 110) *providers*.

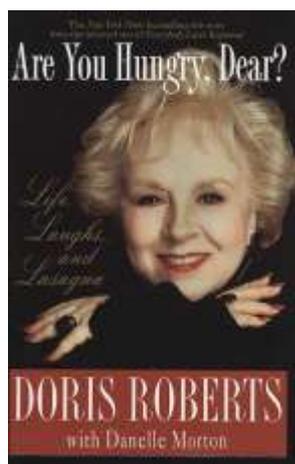
Evidentemente, quando os criadores dos personagens querem criar uma mãe (e sogra que mora em frente!) super-protetora, controladora e invasiva, não há dúvida, que deva ser uma ESFJ:

These Providers take their role as family provider seriously, in both material and a moral sense. They provide a sound and safe home, good food, nice clothes, and a store of possessions. But they are also conscientious about home responsibilities, are orderly about the house, and prefer the other family members be the same. In addition, they have a strong set of values with clear shoulds and shouldn'ts, which they expect their family to abide by. Providers want family decisions settled quickly and with little fuss, and they want family living regularly scheduled and correctly executed. They do not rebel against routine operations, are devoted to the traditional values of home and hearth, and are the most sympathetic of all the types. (Keirsey 1988, p. 112)



Se Marie é extremamente cuidadosa e eficiente na limpeza, arranjo e ordem do lar, é na cozinha que sua excelência se torna incomparável e é sua principal arma de controle sobre o marido e os filhos. Quando a atriz Doris Roberts lança sua autobiografia, o título é precisamente: “Are you hungry, dear?”, o bordão da

personagem, invariavelmente repetido como saudação a cada vez que Raymond entra na casa dos pais (muitas vezes, atraído precisamente pela comida preparada pela mãe).



Essa excelência como *provider* do lar é usada por Marie para legitimar os atropelos sobre o espaço da nora Debra, que por mais que se esforce, é incapaz de cozinhar e não é páreo para Marie no que diz respeito ao cuidado da casa. É frequente vermos a sogra Marie (sem pedir licença) limpar a geladeira de Debra, (re-)lavar as roupas dos gêmeos, (re-)dobrar as camisas, levar jantares de surpresa para a casa da nora (e removendo o jantar já servido por Debra) etc.

As tensões familiares que alimentam a série ELR são asseguradas pela construção da personagem Debra, também como SJ (ESTJ) e ciosa de seus deveres de dona de casa, que se enfurece ante a incontestável superioridade das qualidades da sogra. Qualidades que constituem o próprio eixo da personalidade do ESFJ:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (Keirse 1984, p. 193)

***The Shower*, episódio 21 da 7ª. temporada**

Há sequências nesse episódio que resumem essas qualidades de Marie, além de outras, como esta que Keirse atribui às ESFJ:

“They enjoy the rituals connected with serving of good food and beverages, thrive on festive occasions” (Keirse 1984, p. 193)

Nesse antológico episódio, Debra, encarregando-se de tudo, promove um chá de cozinha no apartamento de Amy, que vai se casar com Robert. Marie, ciente de sua superioridade, mesmo sabendo que é Debra quem está dando a festa, não tem a menor preocupação em atropelar publicamente a nora:

Debra: (com a bandeja entre as convidadas) Okay, everybody, who wants a pizza bagel?

[Judy, a parceira durona de Robert na polícia (uma ESTP com “espontaneidade” rude), serve-se de diversos pedaços da mini-pizza]

Judy: All right, pizza bagels!

[De repente, surge Marie, que preparou os mais refinados aperitivos italianos]

Marie: And I made prosciutto e melone.

Judy: All right, prosciutto e melone!

Debra: Marie, I told you I was taking care of the food.

Marie: (ignorando Debra) I know, dear. Oh, save room, everyone. I also have insalata caprese.

Judy: Oh, insalata caprese! (devolvendo as mini pizzas de D) Sorry.



Marie: (oferecendo de sua bandeja para Debra) Don't eat that. Have one of these.

Debra: (contendo a raiva) Marie, you know, I've been planning this shower for weeks. I'm the matron - I'm the shower thrower.

Marie: Of course, dear, but it's only natural for me to want my new daughter-in-law to have the finest Italian appetizers.

Debra: I've got it covered, okay?

Marie: Oh. Oh, I know what's bothering you. Don't worry. I'll always have plenty of time for my old daughter-in-law.

(...) [Marie continua alfinetando Debra quanto à qualidade e a animação da festa... e assumindo faticamente o posto de organizadora]

Marie: Oh, I know - bridal bingo.

Debra: No, that's for later, Marie.

Marie: Well, I'll just help get them ready.

Debra: Marie, I said no. (...) Are you not getting it, Marie?

Marie: I'm just trying to help.

Debra: I don't need your help. I know you think I can't survive without you, but I can. I don't need you!

[Debra acaba de atingir o ponto mais sensível de Marie como ESFJ]



[Marie, retira-se visivelmente ofendida]

Marie: Excuse me, everyone. I just would like to say my goodbyes.

Pat: Don't go, Marie.

Marie: Oh, that's all right. It was wonderful seeing you again. And, Amy, I love you. Have a wonderful party. Good night, everyone.

As cenas seguintes desse nosso episódio também trarão significativas tiradas sobre Marie. A partir da apreensão da carteira de motorista de Debra. Aborrecida com o fato de Marie ter estragado sua festa, bebe um pouco demais, estaciona na rua e cochila no carro, e é abordada por um policial (em Nova York, se a chave estiver no contato, mesmo com o carro estacionado, o motorista pode ser submetido ao bafômetro e autuado) e tem sua carteira retida por um mês.

Mas antes, explicitemos brevemente outras características de Marie.

Marie sempre informada de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” – Keirsey 1988, p. 111) aproveita para aplicar suas técnicas de controle e “enquadramento”: afirmar negando ou perguntando; falando “genericamente” de pontos concretos; desfazendo sutilmente formulações atenuantes etc.) e sobretudo para recuperar seu ponto mais essencial: “to be needed”.

Claro que Marie nunca se considerará uma fofqueira, mas simplesmente uma boa mãe. E como os filhos, mesmo na casa dos 40, são sempre considerados “menores de idade” e (como os familiares em geral) incapazes, ela se considera responsável (e não esqueçamos que a responsabilidade é o valor supremo para os SJ) e deve exercer vigilância, mesmo que implique em invasão de privacidade: “A good mother checks”, responde ela no episódio 57 a um Robert indignado ao descobrir as bisbilhotices da mãe.

Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas de Robert para ver se andou fumando, em espionar seu namoro com Amy (Marie é conservadora em matéria de sexo, como, em geral as SJ de sua geração), em ler os diários dos filhos adolescentes, em remexer as gavetas (mesmo as trancadas) de Debra, para “comprovar” que a nora gasta demasiado em supérfluos e frivolidades; etc.

Outro ponto comum aos ESFJ é assim expresso por Keirsey:

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (Keirsey 1984, p. 193)

É claro que essa tendência a antecipar desastres reforça a necessidade de ser uma mãe superprotetora. No episódio 3 da 2ª. temporada, encontramos uma das mais cômicas cenas de toda a série. Raymond e Robert, recordando sua adolescência, relembram dos cuidados de Marie em trancar as pastilhas Valda, para que os filhos não tivessem acesso a elas, que representavam para Marie um primeiro passo no caminho das drogas (mesmo naquela época em que as drogas eram muito menos difundidas) [...]

Mas, voltemos ao episódio *The Shower*, quando Debra volta da delegacia:

Marie: Oh, thank God! Are you all right?

Debra: Yeah, I'm fine, Marie. I'm just a little tired.

M: Oh, I just want you to know that in this family, whatever our differences, we stand together... no matter what you've done, no matter how much shame you've brought upon us. What did you do?

D: You know, nothing. It was just a minor traffic... misunderstanding.

M: Thank God. (cochichando para R:) What did she do?

R: Nothing. She took a nap in the car, that's all.

M: I don't understand. Why would they arrest her for that?

D: I just took a little nap because I didn't want to drive.

M: Why not?

D: Because I had a little too much champagne.



M: Drunken driving! Oh my God! Drunken driving! Oh, this is so awful! Now it all makes sense. The messy house, the kids running around filthy, the way she talks to me. It's all clear now. (...)



(Raymond ao saber por Robert que a carteira de D está cassada)

R: Wait a minute, wait a minute. What-what-what about the errands and the kids and all their crap? Oh no! Why does this happen to me?

D: I'll figure something out, Ray.

R: How? By the way, I'm going on the road with the Mets. Somebody's gotta drive you and the kids around.

F: I'll do it. She can tell me about the Big House [prisão] .

R: We don't like you driving the children, Dad.

F: Why, because I tell it like it is?

R: Well-well, how about you, Ma?

M: Of course I'll drive Debra... *if she needs me*. Will Debra say she needs me?



D: Thank you, Marie. It's a very generous offer.

M: And?

D: And I accept because I... need you.

M: Happy to do it. Good night.

Há muitos outros aspectos na construção ESFJ do personagem (todo o imenso tema da “pedagogia da culpa”, por exemplo); neste artigo, limitamo-nos a apontar alguns poucos, como indicação da correlação da tipologia de Keirsey com os protagonistas de ELR.

4. ESTJ: a personagem Debra Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “Debra Barone à Luz de Keirsey” – Revista Internacional d’Humanitats 21, 2011: <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>)

A ESTJ Debra

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que Raymond e Debra moram na casa em frente da de Marie e Frank (e Robert, embora já com seus trinta e tantos anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

A criação de cada personagem foi estudada de modo a criar tensões cômicas na articulação com os demais: Debra, como ESTJ, responsável e ciosa dos deveres próprios e dos demais (sobretudo marido e filhos), é casada com um cônjuge “oposto”: Raymond, o imaturo ESFP, preocupado em viver uma boa vida e fazendo piadas que divirtam e encantem os demais. Se os choques de convívio com o marido dão-se pela complementaridade dos temperamentos; os conflitos com a sogra, pela similaridade: sendo ambas SJ, Marie vai competir com Debra como dona de casa e mãe de família modelo; alfinetá-la continuamente mostrando-se superior na cozinha e no cuidado da casa; etc.

Debra realiza cabalmente o que Keirse diz dos ESTJ:

Sociable and civic-minded, Supervisors are usually pillars of their community. They are generous with their time and energy, and very often belong to a variety of service clubs, lodges, and associations, supporting them through steady attendance, but also taking a vocal leadership role. Indeed, membership groups of all kinds strongly attract ESTJs, perhaps because membership satisfies in some degree their need to maintain the stability of social institutions (Keirse 1988, p. 105).

Assim, vemos Debra competir com Marie (também SJ) na realização do ritual do dia de “Ação de graças” (1ª. temp., epis. 10), zelando pelas tradições do próprio lar; ao contrário do marido SP, dá extraordinária importância às reuniões de pais na escola (2ª. temp., epis. 2); administra com perfeição as contas da casa (2ª. temp., epis. 16 – neste episódio, o SP Ray é um desastre quando assume as contas da casa por um mês); valoriza extremamente a cerimônia de casamento; participa ativamente das associações da igreja e da escola; etc.

O casal Debra-Ray é de um grande realismo: falando do interesse de casamento da(o) ESTJ (Keirse 1984, p. 77), Keirse diz que precisamente pelo anseio por preservar o *establishment* familiar e social, pelo gosto pelo equilíbrio e estabilidade, a(o) ESTJ “is attracted to the disestablishmentarian, the ISFP” ou, poderíamos acrescentar, na falta deste tipo raro, seu próximo mais frequente: o ESFP. Em qualquer caso, um contraponto, uma válvula de escape para a contínua tensão de responsabilidades que o ESTJ acumula. É o caso de Debra e Raymond, que, por sua vez, como ESFP “wants to be settled down by this very stable and responsible person [I(E)STJ]” (Keirse 1984, p. 76).



Claro que esses encantos, com o passar dos anos, tendem a se desvanecer e, ao sabor da rotina, Debra manifesta, especialmente para com as “infantilidades” de Raymond, a impaciência e irritação típica dos ESTJ, ante a negligência dos demais para com seus deveres:

Highly materialistic and concrete, ESTJs believe the table of particulars and the manual of standard operating procedures are what count, not speculation and experimentation, and certainly not fantasy. They keep their feet firmly on the ground and make sure that those under their supervision do the same, whether employee, subordinate, offspring, or spouse for that matter. If others wish to fool around and daydream, fine, as long as they do it on their own time-which means after the job is done. But if they fritter away their time while on duty, they should not be surprised when the Supervisor calls them on the carpet. The top sergeant will not put up with such nonsense (Keirse 1988, p. 105).

Mas no quadro geral da série, o papel de Debra é o de ser a personagem de comportamento normal (e este fato não é alheio a seu temperamento ESTJ, o mais “normal” de todos os tipos), referencial de senso comum em contraste com as esquisitices do cunhado Robert (com seus cacoetes, instabilidades comportamentais e que vive se comparando com Raymond, para quem tudo dá certo e sempre se sai bem, enquanto ele, Robert, só se dá mal em tudo na vida); da sogra Marie (ostensivamente controladora, super-mãe e super-sogra) e do sogro Frank (grosseirão, que passa a vida vendo TV e comendo – sujando-se com a comida – e sem nenhum reparo em ir em cuecas apanhar o jornal na rua).

É o que vemos no primeiro episódio da 6ª. temporada: “The angry family”. Toda a família vai à escola para assistir a uma apresentação de alunos, na qual o pequeno Michael, recém alfabetizado, lê para a plateia de pais e mestres, a historinha que escreveu:



“The Angry Family”
“The daddy was mad at the mommy.
The mommy was mad at the daddy.
[os assistentes olham para os constrangidos Barone]
The mommy and daddy were very mad at the grandpa.
The grandma got mad at everybody.”
Marie: I did not!
“The grownups were always very loud. It hurt the kids' ears. The end.”

Em casa, os desolados Barone, conversam sobre o assunto. Marie tenta jogar a culpa em Debra: “Como você o deixou escrever aquilo?”. Debra responde que Eileen deixa as crianças com total liberdade. Raymond, sempre omissivo, pergunta quem é Eileen... e Debra, irritada, responde que é a professora de Michael!

Ante a tenebrosa imagem que o menino tem dos pais e avós, começam as acusações mútuas:



Naturalmente, a professora Eileen chama Ray e Debra no dia seguinte para discutir “o caso”. Ante as esfarrapadas desculpas e disparatadas alegações de Ray e os nervos de Debra, Eileen se convence de que a história escrita por Michael é verdadeira e sugere acompanhamento profissional. É quando Debra explode e desabafa explicando para a professora o que são os Barone:

Eileen...

you have no idea what I have to put up with.

When I got married, I didn't just get a husband, I got a whole freak show that set up their tent right across the street.

And that-that would be fine, if they stayed there.

But every day, every day they dump a truckload of their insane family dreck into my lap.

How would you like to sit through two people in their 60s fighting over who invented the lawn?

The lawn!

And then the brother...

[imitando os cacoetes de Robert]

"I live in an apartment. I don't even have a lawn. Raymond has a lawn."

But you can't blame him when you see who the mother is. She has this kind of sick hold on the both of them.

And the father's about as disgusting a creature as God has ever dropped onto this planet.

So no wonder the kid writes stories!

I should be writing stories. My life is a Gothic novel, and until you have lived in that house, with all of them in there with you day after day, week after week, year after friggin' year, you are in no position to judge me!

No término do episódio, quando finalmente ouvem Michael, descobrem que a “angry family” não era sua família, mas, na verdade, uma ficção inspirada no desenho animado: “Monster Maniacs”...



A normalidade da ESTJ Debra (pelo menos quando os sogros não a tiram do sério) é mesmo o tema do episódio 21 da 1ª. temporada: “Fascinatin’ Debra”. Debra conversa por telefone com a famosa psiquiatra Dra. Nora Sarasin em seu programa de rádio, expondo-lhe alguns problemas domésticos. Terminado o programa, Debra, eufórica, recebe um telefonema da Dra. Sarasin, marcando uma entrevista com ela, na casa de Debra, para o dia seguinte. Ela está escrevendo um livro sobre a família e vê em Debra a típica dona de casa, espécie em extinção...

Preparando-se para a vinda da psiquiatra, Debra, afetadamente, esforça-se por passar uma imagem maquiada, “adequada” e “correta” da casa e da família, prevenindo Raymond para que evite, ao menos nesse dia, suas constantes piadinhas.



Mal começada a entrevista, entram na casa (como sempre, sem avisar) os demais Barone. E a Dra. Sarasin, para desespero de Debra, fica fascinada com as esquisitices deles e esquece-se da normal ESTJ, dedicando toda a atenção a Frank, Marie, Robert e às piadinhas de Raymond...



Debra ofuscada pela “naturalidade” dos Barone, que “roubaram a cena” com a psiquiatra, fica deprimida e inconsolável: ela não é uma pessoa interessante!



Debra: Dr. Nora was supposed to be here for me... not your family, and by the end, she didn't even know I was in the room. (...)

D: Dr. Nora thought I was boring.

Ray: You're not boring, **you're normal**. That's good. Growing up in my family, I prayed for normal every night. Then I'd fall asleep to the sound of my brother naming his toes. There was Fat Tony, Jimmy the Weasel... Billy Stretch, and Tastes Bad.

D: Ray, I was so excited that Dr. Nora was coming here... but there's no way I could follow the dysfunctional family circus.

R: You should have went on before them. Maybe if you'd been yourself, Dr. Nora would've been more interested. - What did you go put on a big act for?

D: Because I am boring. There's, you know, nothing about me... that's, you know, like, quirky... or funny or interesting. What are you doing?



R: There's a little left in there. I'm sorry.

D: No. See, that's exactly my problem. I don't do that: lick the bowl! I mean, that's the kind of great weird stuff you freaking guys do all the time.

Naturalmente, há muitos outros aspectos a explorar na personagem ESTJ (como a discussão do papel da mulher na série, a necessidade de segurança, os ciúmes, o modo de lidar com a opinião alheia sobre ela etc.); aqui, detivemo-nos em alguns poucos, sobretudo na normalidade, celebrada (silenciosamente) pelos outros tipos na

sentença final de Ray: “Look at all of us. We need a normal one. That's why I married you.”

Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 12-08-21; aceito em 18-09-21